



FRANCISCO FERREIRA
BARRETO

—•••••—
INSPIRAÇÕES
DE DAVID

INSPIRAÇÕES

DE

DAVID.

PARAPHRASES

DO PSALMO L. MISERERE MEI DEUS, E DE
ALGUNS PSALMOS MAIS, EM VERSO PORTU-
GUEZ, E ILLUSTRAÇÕES AO MESMO PSAL-
MO MISERERE.

POR

Francisco Ferreira Barreto,

Cavalleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro, e da
de Christo, Prégador da Imperial Capella;
Examinador synodal do Bispado de Pernam-
buco, Adjunto da Associação da Fé no
mesmo Bispado, Director do Lycêo Per-
nambucano, Deputado á Assembléa pro-
vincial, e Pafocho collado na Igreja
Matriz de S. Frei Pedro Gonçalves
do Recife.



PERNAMBUCO.

TYP. IMP. DE L. I. R. ROMA.

1844.

No Ex.^{mo} e Re.^{mo} Snr.

DOM THOMAZ DE NORONHA,

BISPO RESIGNATARIO DE OLINDA,

DEDICATORIA.

*Estro inculto, acanhado,
A montanha profetica visita :
De Sião se arremeça,
Poisa no alcaçar da virtude augusta,
E ao Pontifice egregio,
Que foi de Olinda exemplo,
Inclina a fronte, em jubilo banhado,
Grato, curva o joelho,
Beija-lhe as sacras, venerandas vestes,
E, no Luso idioma
(Dedilhando o Psalterio)
Do vate de Israel lhe offerta o canto.*

DISCURSO PREVIO.

DISCURSO PREVIO.

AS commoções politicas da minha Patria fizeram, que eu emigrasse para Lisboa, aonde me achei em Abril de 1832. Portugal era então o theatro de uma guerra assoladora, entretida pelos dous Principes da Casa de Bragança, e a este espectaculo terrivel, veio, bem depressa, unir-se outro, muito mais assustador, e doloroso.

A *cholera morbus*, que devastava a Russia, a Prussia, a Alemanha, a França, e a Inglaterra, devastou finalmente Portugal de um modo inexplicavel. Na Capital de um Reino florente, e populoso, cujos habitantes, em seu tumulto, e agitação diaria, parecião as ondas de um mar vasto, e fluctuante, achei-me de repente, e como por encanto, no meio do silencio dos tumulos. Diante

da ira de Deus tudo era mudo, como o marmore. Olhei, e só vi lagrimas, e a morte : vi a libertinagem tremula, e o seu orgulho humilhado. O Anjo Exterminador tinha descarregado o seu braço, e a destruição marchava obediente de familia em familia. A morte devorava as suas victimas com a presteza do raio, e para o dizer com a bella expressão de um dos Oradores Portuguezes : Gerações, quasi inteiras, desaparecião n'um momento, como as folhas sêccas de uma arvore, que se precipitão, e se somem, ao abalo, e redomoinho dos ventos. Procissões de cadaveres surgião de todos os lados, e se encontravão umas com as outras. Os Cemiterios erão poucos, e quasi não bastavão os campos. Os Personagens mais illustres, por seu nascimento, e que contavão nos Templos sumptuosos da Côrte, Mausoleos soberbos, carregados de inscripções, erguidos á memoria de seus antepassados, tinham no êrmo, e solitario campo de Ourique a mesma sepultura, que se dava ao mendigo. E-

ra no calor das contestações, e dos partidos, e uma só habitação continha, e estreitava os homens de todas as opiniões. Pararão as solemnidades, emudecerão os campanarios, e só se escutava nas Igrejas o som pausado, e monotono das preces, que os Sacerdotes enviavão ao Céu pela saude publica.

Nesta angustia, nesta dissolução geral, rompia um grito de dor, e ouvia-se algumas vezes, ao tranzitar pelas ruas de Lisboa — Donde veio uma tal enfermidade ! . Tudo vai ficando dezereto ! Pois Deus não está satisfeito ? — E Deus não lhes respondia, senão por novos golpes, e por novas desgraças. Erão os dias da pompa, e dos triumphos da morte.

Ferido, e atterrado, voltei meu coração para aquelle, que é todo misericórdia, e principiando, em verso, a traducção do Psalmo *Miserere*, não a pude ultimar, porque um dia, depois de a ter começado (a 14 de Junho daquelle anno) fui comprehendido no numero dos castigados pela Justiça Divina ;

achei-me no rol dos moribundos ; e estipróximo para subir ao Juizo de Deus : mas eu o invoquei nos instantes da minha tribulação, e elle se dignou de salvar-me. Restituído depois à Pernambuco, minha Patria, completei esta Paraphrase, em que se não encontram os atavios poeticos, nem o adorno d'Arte. As composições deste genero exigem simplicidade, e sentimento, que forão sempre a linguagem do coração. O entusiasmo da humildade, e da ternura, consiste em movimentos brandos, nas paixões doces, e suaves, que dão um character sublime à expressão, sem a confundir com o tumulto, e violencia das producções do orgulho.

Escolhi, de proposito, a metrificacão mais popular para a primeira traducção, e trabalhei, especialmente nella, para que não fosse tão afastado, e redundante, como alguns ; e aproveitando-me da opportunidade, juntei com as versões do *Miserere* as de alguns outros Psalmos, que havia traduzido.

QUADRO PŒETICO.

O MOTIVO HISTORICO

DO

PSALMO CINCOENTA.

(QUADRO POETICO)

DAVID descobrio do terraço do seu Palacio uma mulher extremamente linda, que se banhava, sem presumir, que a vissem. O Monarcha de Israel com um olho ávido, lhe devora os encantos, nesses momentos, em que o pudor desapercibido não toma precauções, nem reservas.

Inquieto depois por esta scena imprevisa, que revolve suas paixões, fervendo em pensamentos, e desejos, elle ordena, que se inquirá averiguadamente, quem seja este objecto amavel. « He Bethsabéa (lhe dizem já de volta os seus messageiros) Bethsabéa, filha de Elião, e esposa de Urias Hetheo ».

A palavra *esposa* deve murchar as esperanças no coração do Rei, assim co-

mo o nome de *Urias* lhe recorda promptamente um bravo do seu exercito, postado no sitio de Rabba, contra os Ammonitas. A paixão repelle estas idéas, que a sanctidade do Decalogo, e o reconhecimento tinham feito nascer, e o Rei só se lembrou, de que era homem.

A formozura foi introduzida, furtivamente, nos Paços do Senhor da Judéa. O thalamo nupcial foi manchado. Um fructo criminoso deste amor execrando vem revelar aos Póvos o attentado do seu Principe.

O Monarcha procura então palliar o seu crime, mas não lhe surtindo effeito os seus subterfugios, resolve unir o homicidio ao adulterio. O consorte illudido, e infeliz, é mandado collocar no ponto mais arriscado do combate, e entregue com os seus irmãos d'Armas, ao furor dos contrarios. Cortado pelo ferro inimigo, *Urias* purpurêa a terra com o seu sangue, braceja com a morte, e espira, cheio de valor, pugnando pela Patria, victima de um Principe,

que o tem trahido duas vezes, e longe dos encantos de uma joven esposa, que elle idolatra, e que julga fiel.

David goza então do ensanguentado prazer da sua impudicicia, e a belleza, arrancada do leito conjugal, vem ainda augmentar o esplendor de um Throno, cercado de victorias. Bethsabéa foi esposa do Rei.

Mas o Céu não podia ser surdo ao grito da innocencia ultrajada, e moribunda. O Espirito de Deus agita o Propheta Nathan. Este homem de virtude estremece com as revelações, que o Céu lhe faz de tanta iniquidade. Sua imaginação terrivel he abrazada pelo zêlo, e se torna rica dos flagellos, que elle vai desfexar em borbutação sobre a caza de Judá. O sôpro do Senhor o arremeça com a velocidade do raio pelos salões adulteros do Monarcha homicida. Elle atravessa soberbas ordens de columnas, penetra enfim até o Throno, e se colloca defronte do delinquente Real. O semblante respeitoso do Propheta conserva alguma couza de formidavel, e

a sua longa barba augmenta a venerabilidade do seu rosto. Tranquillo, e cheio de segurança, elle surprehende por este porte grave, e desassombrado, que só pode ter a virtude, quando reprehende o crime.

Elle começa por uma Parabola simples, mas energica Sua vóz he pezáda, e tem o accento da melancolia.

« Havia em uma cidade dous ho-
« mens (disse elle, depois de alguns
« instantes de silencio) um era rico,
« outro pobre. O rico tinha grandes
« manadas, rebanhos numerosos, e via
« os valles, e o cume das montanhas
« branquejando com as suas ovelhas, á
« semelhança dos campos com os flocos
« da neve nas manhãs invernosas O
« pobre nada mais possuia, do que
« uma ovelhinha, que elle havia com-
« prado ; que elle creára ; que tinha
« crescido em sua caza juntamente com
« seus filhos ; que comia do seu paõ ;
« que bebia pelo seu mesmo copo ; dor-
« mia em seu mesmo regaço ; e era pa-
« ra elle como filha. Um viajante veio

« ver o rico, mas este não quiz tocar
« em uma só das suas ovelhas, para lhe
« fazer hospedagem : arrancou a ovelha
« lhinha do pobre, e banqueteu com
« ella o estrangeiro, que veio a sua ca-
« za.» O Rei, sem se poder conter, sóta
um grito de indignação, e interrompe o
Propheta « Juro pelo Senhor, (diz Da-
« vid) que um homem tal é digno de
« morte, e terá de pagar o quadruplo,
« pela injustiça, que fez ao desgraçado.»

Aqui a colera do Ceo inflamou o rosto do homem de Deus. O sobrolho do Propheta se enruga, e os seus olhos fuzilaõ, como o relampago : sua voz, até ali compassada, mudou-se de repente, e as ameaças se precipitarão dos seus labios n'um som terrivel, como uma torrente, que se despenha do alto, e que se quebra, fervendo, sobre grandes lagedos : as abobadas do Palacio criminoso retumbão, e parece, que se esboraõ sobre a terra.

« Pois tu és este homem (trovejou o
« Propheta). Escuta o que te diz o Se-
« nhor Deus de Israel.

« Ungi-te Rei; livrei-te de Saul; dei-
te a sua mesma caça; entreguei-te
« suas mulheres; constitui-te na pos-
« sessão de Israel, e de Judá, e obraria
« prodigios mais espantosos, se isto fos-
« se pouco. Ah!. E porque des-
« presaste tu minhas palavras? Por-
« que commetteste o mal diante de meus
« olhos? Porque fizeste Urias perecer
« aos golpes do ferro? Porque tomaste,
« por esposa, a que era sua? Porque o
« assassinaste, e com a mesma espada
« dos filhos de Ammon? Ouve-me. O
« sangue, e a destruição serão insepa-
« ráveis do teu mesmo Palacio. Meus
« vingadores hão de rebentar da tua fa-
« milia. Tomarei tuas mulheres, e as
« entregarei a tua vista á um, que te é
« bem proximo. A tua deshonra se ha-
« de ver aos olhos deste sol. Tu perpe-
« traste o delicto nos escondrijos, e nas
« trevas, mas eu te farei tudo isto á vis-
« ta de Israel em pêzo, na claridade, e
« nas torrentes desta luz, que cerca os
« teus vassallos. »

Palido, e atalhado por um torpor de

morte, parecendo-lhe, que a terra se abre de baixo dos seus pés, frio, e gelado, como o mármore, David disse á Nathan « Pequei contra o Senhor ». Torna-lhe então o Propheta « Elle trans-ferio o teu peccado, e tu não morres : perecerá porem aquelle, que veio ao mundo por causa do teu delicto » Disse, e ausentou-se.

David conheceu profundamente a enormidade da sua culpa, e a contrição espremeu dos seus olhos lagrimas abundantes. Separado, e recluso no mais recondito do seu Palacio, lançado sobre a terra, envolto no pó, coberta a sua cabeça com a cinza, vendo correr os seus dias, abrolhados de angustias, na penitencia, e no jejum ; parece-lhe, a cada instante, que a sombra ensanguentada de Urias volteja diante dos seus olhos.

Em um desses momentos, em que o seu coração era mais vivamente delido pela dôr, elle ergue o seu rosto, unido com o pavimento, levanta-se, toma em suas mãos convulsas a harpa, que ja-

zia no silencio, e no desprêso, fita, como n'um extasis, os seus olhos no Céu, ensaia ligeiramente seus dedos sobre as cordas, tira os primeiros sons, e n'um transporte da mais expressiva ternura, rompe, debulhado em lagrimas, n'um cantico doce, sentimental, e repassado de melancolia. Sua sensibilidade se exalta mais, e mais, suas paixões estão em movimento, e a flexibilidade dos seus sons exprime o tumulto de sua alma, agitada pela contrição. Elle implora a misericordia daquelle, que é a bondade por essencia. Deus acolheu o seu Psalmo, e os ultimos accentos da sua harpa, ainda retinem brandamente na abobada celeste.



PARAPHRASE PRIMEIRA.

PSALMO L.

Miserere mei Deus, secundum magnam misericordiam tuam.

Et secundum multitudinem miserationum tuarum, dele iniquitatem meam.

Amplius lava me ab iniquitate mea, et a peccato meo munda me.

Quoniam iniquitatem meam ego cognosco, et peccatum meum contra me est semper.

PARAPHRASE PRIMEIRA.

Tem compaixão, ó meo Deus!
De mim, que és Pai de concórdia,
Segundo a tua tão facil,
Tão grande misericórdia.

E segundo a multidão
Dos teus dons, das graças tuas,
Meu mal, minha iniquidade,
Eu te rogo, que destruas.

Lava-me cada vez mais
Da iniquidade horrorosa:
De todo me purifica
Da minha culpa odiosa.

Meus erros emfim conheço,
Eu me julgo delinquente,
E a cada instante descubro
O meu delicto presente.

*Tibi soli peccavi et malum coram te
feci, ut justificeris in sermonibus tuis
et vincas, cum judicaris.*

*Ecce enim in iniquitatibus conceptus
sum et in peccatis concepit me mater
mea.*

*Ecce enim veritatem dilexisti : incer-
ta et occulta sapientiæ tuæ manifestasti
mihi.*

*Asperges me hyssopo et mundabor :
lavabis me et super nivem de alabor.*

Eu pequei contra ti só,
Fiz mal na presença tua,
Hei de fiel confessa-lo,
Se houver alguém, que te argua.

Para nas tuas palavras
Justificado existires,
E daquelles, que te julgaõ,
Victorioso sahires.

Sou réo, mas bem vês, que eu fui
No horror da culpa gerado ;
Que minha Mãi criminosa
Me concebeo no peccado.

Inda assim, tu, que a verdade
Justo, e fiel sempre amaste ;
Tu, da sapiencia tua,
Os arcanos me ensinaste.

Farás aspersaõ co' o hyssopo,
Serei puro n'um instante ;
Lavar-me-has, do que a neve,
Me tornarei mais brilhante.

*Auditui meo dabis gladium et lætiti-
am: et exultabunt ossa humiliata.*

*Averte faciem tuam à peccatis meis:
et omnes iniquitates meas dele.*

*Cor mundum crea in me, Deus, et spi-
ritum rectum innova in visceribus meis.*

*Ne projicias me à facie tua et spiri-
tum sanctum tuum ne auferas a me.*

*Redde mihi lætitiā salutaris tui et
spiritu principali confirma me.*

De gosto, e de regozijo
O meu ouvido has de encher,
E os meus ossos humilhados
Exultarão de prazer.

Aparta teu rosto santo
Dos crimes, com que te aggravo,
E extingue as iniquidades,
Das quaes me tornarei escravo.

Cria, ó Deos, dentro de mim,
Casto, e puro, um coração,
Renova em minhas entranhas
O esp'rito de rectidão.

Naõ me lances, naõ me affastes
Do teu semblante, Senhor!
Nem da minha alma retires
Teu espirito de amor.

Da tua doce assistencia
A alegria em mim derrama,
E nas graças principaes
Me fortifica, e me inflamma.

Docebo iniquos vias tuas, et impii ad te convertentur.

Libera me de sanguinibus Deus, Deus salutis meæ: et exultabit lingua mea justitiam tuam.

Domine, labia mea aperies et os meum annuntiabit laudem tuam.

Quoniam si voluisses sacrificium dedissem utique: holocaustis non delectaberis.

Sacrificium Deo spiritus contribulatus: cor contritum et humiliatum, Deus, non despicies.

Ensinarei aos iníquos
Teus caminhos, que me encantaõ,
E a ti se converteraõ
Os ímpios, que a terra espantaõ.

Deus, ó Deus, meu Salvador!
Dos homicídios me exime,
Celebrará minha lingua
Tua justiça sublime.

Senhor! abrirás meus lábios,,
Exalaráõ doces hymnos,
Annunciando entre os Póvos
Os teus louvores divinos.

Se hum sacrificio quizesse,
O hiria prompto offrecer,
Porem sei, que os holocaustos
Já te não causaõ prazer.

He para Deus digna offrenda
O espirito atribulado:
Hum coração não desprezas
Puro, contricto, humilhado.

Benigne fac, Domine, in bona voluntate tua Sion: ut ædificentur muri Jerusalem.

Tunc acceptabis sacrificium justitiæ, oblationes et holocausta: tunc imponent super altare tuum vitulos.



Trata, Senhor, brandamente,
E com ternura a Siaõ:
As muralhas de Solima
Edificadas serão.

Entaõ has de receber,
Da humana prole submissa,
Hum sincero sacrificio,
Sacrificio de justiça.

Entaõ holocaustos mil,
E oblações has de acceitar:
Entaõ mil tenros novilhos
Se hão de pôr no teu Altar.



PARAPHRASE SEGUNDA.

SEGUNDA PARAPHRASE.

Compaixão, oh ! meu Deus ! de mim piedade,
Tão conforme à grandeza,
Com que mesmo, inda aos mãos, Senhor! trans-
Essa misericórdia sem limites! mites

E segundo a extensão das graças tuas,
Eu te rôgo, que apagues,
Terno Pai ! Deus fiel ! Deus infinito !
Meu funesto, execrando, e atroz delicto !

Da culpa, enorme culpa, que me opprime,
Amplamente me lava :
Dos meus erros assim purificado,
Não haja em mim, nem sombra do peccado.

A iniquidade minha reconheço,
Sei, que sou criminoso :
Quero esquivar-me á culpa, que me segue,
E em toda a parte a culpa me persegue.

Pequei, mas contra ti pequei somente,
Tu viste o meu delicto :
Confesso-o, para que te justifiques,
E vencedor, dos que te julgaão, fiques.

Eu fui no horror da culpa concebido,
Gemo afflicto em seus ferros:
Do crime enorme um fructo desgraçado,
Por minha mãe no crime fui gerado.

Porem tu, que a verdade sempre amaste,
A conhecer me deste
Arcanos teus, profunda sapiencia,
Escondidos á humana intelligencia.

Co' o hyssopo, oh! Deus! me aspergerás cle-
Limpó serei de todo : mente!
Lavar-me-has, e, cheio de candura,
Brilharei muito mais, que a neve pura.

Darás ao meu ouvido inda algum dia,
Gozo, e prazer suave,
Em cinza lutalenta, em pó tornados,
Exultarão meus ossos humilhados.

Aparta pois, aparta dos meus crimes
O teu rosto piedoso,
E uzando assim comigo de bondade,
“ Delida fique a minha iniquidade”

Sem mancha, um coração, candido, e simples,
Cria, oh! Deus! em meu peito!
E essa voz int'rior, que o mal reprova,
Esse espirito justo, em mim renova.

Não me affastes jámais, jámais me lances
Da face compassiva:
Não retires de mim, oh! Deus augusto!
Teu Espirito amavel, santo, e justo.

Concede-me o prazer, dá-me alegria
Com a tua assistencia,
E minha alma, que em ti se esteia, e firma,
No principal espirito confirma.

Ensinarei solícito aos perversos
Teus direitos caminhos,
E á luz, á Graça tua, hão de mover-se,
Hão de a ti, mesmo os impios, converter-se.

Deus! oh! Deus salvador! não mais permittas,
Que verta o sangue humano!
Grata, á Justiça tua, modulados,
Soltará minha lingua hymnos sagrados.

Meus lábios abrirás, mil sons cadentes,
Hirão levar aos Póvos,
Ten sublime louvor, que o pasmo excite,
E pare, aonde o mundo houver limite.

Se acaso sacrificios tu quizesse,
Fiel t'os offerecera :
Mas eu sei, que não devem agradar-te :
Não podem holocaustos deleitar-te.

He á Deus oblação justa, e perfeita,
Um peito penitente :
Nunca, Senhor! por ti foi desprezado
Contracto um coração, terno, humilhado.

Trata enfim com brandura, e suavidade
A Sião, que te invoca :
Seus destinos assim tendo seguros,
Possa Jerusalem erguer seus muros.

Então receberás um sacrificio
De solenne justiça.
Oblações, holocaustos sumptuosos,
E no Altar os novillos mais mimosos.

PARAPHRASE TERCEIRA.

TERCEIRA PARAPHRASE.

Piedade! oh! meu Deus!
De mim compaixão,
Segundo a extensão
Do teu grande amor!

E segundo as graças,
Os dons, que dispensas,
As glórias immensas,
De que és o Senhor;

Tu me purifica,
Ser immaculado!
Destroe o peccado,
Com que te offendi.

Do crime horroroso,
Que tanto te agrava,
Mais, e mais me lava,
Sei, que delinqui.

Torna-me sem mancha,
Senhor infinito !
Do negro delicto,
Que excita meus ais.
Tremendo, conheço
Minha iniquidade,
Sei quanta maldade
Fiz entre os mortaes.

Ou tímido fuja,
Ou volte a buscar-te,
Sempre, em qualquer parte,
Meu delicto está !

Pequei contra ti,
Mesmo aos olhos teus,
Tu viste, oh ! meu Deus !
De mim, que será !

Confesso, que existo
No peccado incurso,
Sei, que o teu discurso
Verdades contem.

Digo quanto és recto
Nas tuas sentenças,
Para que tu venças,
Julgando-te alguém.

Eu fui concebido
Na dor, e no estrago,
Que o terrível drago
No mundo espalhou.

Envolta nos males
Da culpa affrontosa,
A mãe criminosa
No mal me gerou.

Amaste a verdade,
Dos Céos lume augusto,
Por isso o que he justo
Nos fazes sentir.

Então teu saber,
Occulto aos humanos,
Mysterios, arcanos,
Fizeste-me ouvir.

Co' o hyssopo, saudavel
Farás aspersão,
Limpo, desde então,
Por ti me verei.

Mais puro, e brilhante,
Do que a neve pura,
Alvor, e candura,
De todo serei.

Ha de o meu ouvido
Teus sons acolher,
E hum doce prazer
Entaõ lhe has de dar.

Escutando alegres
Accentos bemdictos,
Meus ossos afflictos
Teraõ de exultar.

Aparta os teus olhos
Das minhas offenças,
E culpas immensas
Destroe de huma vez.

Dá-me hum coração,
Taõ casto, e taõ puro,
Que o julgue seguro,
Aquelle que o fez.

Renova a justiça
Em minhas entranhas,
E graças tamanhas
Jámais tenhaõ fim.

Jâmais do teu rosto
Me affastes, Senhor !
O Esp'rito de amor
Não lances de mim.

Ah! dá-me o prazer
Da tua assistencia,
E a minha existencia
Confirma em teus dons.

Direi aos iniquos,
Por exemplos meus,
Que os caminhos teus
São rectos, e bons.

Assim attrahidos,
Por meios diversos,
A ti os perversos
Se hão de converter.

Livra-me, eu te rogo,
De ser delinquente,
De sangue innocente
Na terra verter.

Sim, livra-me, ó Deus!
Deus de salvação!
De luz! de perdão!
Senhor de Israel!

Exultando a lingua,
Sôlta ás prizões suas,
As justiças tuas
Cantará fiel!

Agita meus labios,
Oh! Nume! oh! Senhor!
Teu almo louvor
Farei resoar.

Se algum sacrificio
Quizesses hum dia,
Eu mesmo o traria
Ao teu mesmo Altar.

Mas não te deleitaõ
Victimas de sangue:
O novillo exangue
Não queres mais ver.

Oppresso, gemendo,
Hum peito magoado,
Constricto, humilhado,
O hirás acolher.

Tracta com ternura
A tua Sião:
Não tenha afflicção,
Nem susto, nem dor.

Que veja os seus muros
Fieis circunda-la,
Altivos orna-la,
Dando-lhe esplendor.

Entaõ oblações,
Entaõ holocaustos,
Em dias taõ faustos
Contente verás.

Entaõ de Israel
Os votos ditosos,
Novilhos mimosos
Nas aras terás.



PSALMO CXXIX.

*De profundis clamavi ad te Domine,
Domine, exaudi vocem meam.*

*Fiant aures tuæ intendentes in vocem
deprecationis meæ.*

*Si iniquitates observaveris, Domine,
Domine quis sustinebit?*

*Quia apud te propitiatio est: propter
legem tuam sustinui te Domine.*

Dos abysmos mais profundos
Eu clamei a ti, Senhor!
Ah! não deixes, terno Pae!
De escutar o meu clamor.

Teus ouvidos compassivos
Prestem fiel attenção
Ao meu rôgo humilde, e justo,
À' minha deprecação.

Se esquadrinhares os crimes
Daquelle, que te offender,
Senhor! na presença tua
Quem se poderá soste?

Mas tu és todo clemencia,
E eu sempre em ti confiei,
Por causa dos teus preceitos,
Por causa da tua Lei.

*Sustinuit anima mea in verbo ejus :
speravit anima mea in Domino.*

*A custodia matutina usque ad noctem,
speret Israel in Domino.*

*Quia apud Dominum misericordia ;
et cupiosa apud eum redemptio.*

*Et ipse redimet Israel ex omnibus
iniquitatibus ejus.*



Minha alma crêo na palavra
Do Senhor Deus de Israel:
A minha alma esperou n'elle,
Pois sabe, quanto he fiel.

Desde o clarão matutino,
Que dos Céos rompendo vem,
Até que a noite appareça ;
Espere Israel tambem.

Espere, porque elle he justo,
E cheio de compaixão ;
Porque só nelle se encontra
Copiosa redempção.

Firmado em tanta bondade,
Israel exultará;
Por ver, que dos seus delictos
Elle mesmo o remirá.

PSALMO CXXXVI.

*Super flumina Babylonis, illic sedimus
et flevimus : cum recordaremur Sion.*

*Super flumina Ba-
bylonis illic sedimus
et flevimus : cum re-
cordaremur Sion.*

Em Babylonia,
Onde habitamos,
Nos assentamos
Nas margens tristes,
Que os rios dão,
Ali, chorosos,
Nos lamentámos,
E recordámos,
Posto que em vão,
Da nossa Patria,
Terna Sião.

*In salicibus in
medio ejus, suspen-
dimus organa nos-
tra.*

Pelos salgueiros,
Que descobrimos,
Destribuimos
Os instrumentos,
Cheios de dôr.
Dos ramos pendem,
(Quanto sentimos!)
Nos os ouvimos,
Causando horror,
Soar dos ventos
Pelo estridor.

Quia illic interrogaverunt nos, quia captivos duxerunt nos: verba canticorum.

Então aquelles,
Que nos captivaõ,
Os que nos privaõ
Da liberdade,
Com seus grilhões ;
Aquelles mesmos,
Que o pranto avivaõ ;
E que motivaõ
Taes afflicções ;
São os que pedem
Nossas canções.

Et qui obduxerunt nos: Hymnum cantate nobis de canticis Sion.

Os que da Patria
Nos desterráraõ,
Ledos clamáraõ :
« Deixai o pranto,
« E erguei a voz.
« Alguns dos hymnos
« Que aos Céos voáraõ ;
« Que retumbáraõ,
« Já entre vós,
« Soltai dos labios,
« E ouçamos nós »

Quomodo cantabimus canticum Domini in terra aliena?

« Como he possível
(Lhes respondemos)
« Que os entoemos,
« Entre as angustias
« Que vós nos daes?
« Na terra alheia,
« Onde gememos,
« Como os daremos,
« Soltando ais,
« Ao Deos amigo
« De nossos Pais? »

Si oblitus fuero tui, Jerusalem, oblivioni detur dextera mea.

Adhærerat lingua mea faucibus meis, si non meminero tui.

Sião ! que foste
Nossa ventura !
Se esta ternura,
Que tu me causas,
Se amortecer ;
Eu sinto a dextra,
Pouco segura,
Inerte, ou dura,
Se entorpecer ;
E a minha lingua
Sem se mover.

*Si non proposue-
ro Jerusalem in
principio lætitiæ
meæ.*

Todo este damno,
Que o mal sublima,
Então me opprima:
Sentindo tu fique
Tão grande mal;
Se tu não fores,
Terna Solima!
(No estranho clima,
Que me he fatal)
Dos meus disvellos
O principal!

*Memor esto, Do-
mine, filiorum E-
dom, in die Jerusa-
lem:*

*Qui dicunt: Exi-
nanite, exinanite
usque ad fundamen-
tum in ea.*

Ah! não te esqueça,
Bondade augusta!
A prole injusta
De Edom, pois della
Meu damno sai.
Bradou irada
(Quanto me assusta!)
« Co'a mão robusta
« A esmigalhai,
« Seus fundamentos
« Anniquillai »

PSALMO CXVI.

Laudate Dominum omnes gentes : laudate eum omnes populi.

Laudate Dominum omnes gentes : laudate eum omnes populi.

Quoniam confirmata est super nos misericordia ejus : et veritas ejus manet in æternum.

Nações do mundo!
Vastas Nações!
Dai a Jehova
Ternas canções.

Louvai, oh! Póvos!
Sua memoria!
Do Deos Excelso
Retumbe a gloria.

Piedade sua
Dos Céos baixou,
E sobre os homens
Se confirmou.

Os Céos, e a terra
Podem cabir :
Delle a verdade
Tem de existir.

SYNOPSIS.

SYNOPSIS

DAS

GRAÇAS POETICAS

DO

PSALMO XVII.

QUE de bellezas que encerra esta parte do Salmo XVII! Que accumulacão de sublimes pensamentos! Que dexteridade de pincel, e que energia de cores!

O Rei Propheta solta um grito de angustia contra os seus inimigos, e este clamor, semelhante ao rebombo do trovão, penetra o ouvido do immortal! Deos se enche de ira contra os perseguidores do Justo, e de repente a terra se agita em convulsões. Os montes abalados vacillaõ, e ondeiaõ, desde a

profundidade das suas raizes. Caliginosas nuvens de fumo rolaõ em turbilhões pelos ares, e da face de Deos rebenta um fogo devorador, que se revolve em brazas. Subito o Senhor da Natureza faz, que os Céos, escapando do seu ponto fixo, se curvem, e se abataõ, para lhe servirem de assento. As trevas negrejaõ, e vaõ apinhar-se, cheias de submissõ, debaixo dos pés do Todo-Poderoso. Elle desce, e os Cherubins são os palafrens, em que monta. Voou, e *voou sobre as azas dos ventos*. Os ventos, por esta magnifica expressão, por esta prosopopeia sublime, tomãõ hum corpo, tem vida, tem movimento, e sustentaõ nas suas rapidas plumas o Deos da creação do Universo, que descança, como em seu coche, sobre os Poderes celestes, e vai registrar essas regiões de Sóes, e percorrer a immensidade do espaço. O pavilhão, que resguarda, e esconde o Ser dos Seres, he huma agoa espessa, e tenebrosa, que se concentrou nas nuvens. As nuvens retalhaõ-se atemorizadas, sentindo-se

feridas pelos oceanos de luz, que rompem, e se derramaõ da face do Archetypio supremo. Ellas começaõ a desatar-se em chuveiros de pedra, e de carvões em brazas. O trovão rebôa, e se prolonga immediatamente pela extensão indefinita. O Senhor das vinganças despede settas, multiplica os relampagos, e devasta seus contrarios. Tomadas de sobresalto, e de medo, as agoas recuaõ, e desapparecem de superficie do Globo, e a terra, conturbada, e revolvida por esta scena da estrago, presenta-se despida, e núa aos olhos do Omnipotente. Entaõ se mostraõ descarnados, e medonhos os seios dos abysmos. Observaõ-se as concavidades profundissimas da nascença das agoas, e os interminaveis sorvedouros, em que rolavaõ todas essas torrentes enormes: saõ enfim devassados, e patentes os alicerces, e fundamentos do mundo. Esta destruição toda, e todo este horror, he o effeito do sôpro impetuoso da ira de Deos !

Que pôde agora haver na imaginacã

dos homens, nos seus livros, e nos afoutos delirios das suas mais bellas concepções poeticas, que se compare com a magnificencia, e novidade deste quadro!



IMITAÇÃO DA MAIS BELLA, E SUBLIME
PASSAGEM, DO

PSALMO XVII.

Diligam te, Domine, fortitudo mea.

De angustias rodeado,
Invoquei o Senhor, o Ser dos Seres ;
Desprendi minha vóz, bradei-lhe afflicto,
E elle ouvio do seu Templo augusto, e santo,
Meu doloroso grito.
Então (quantos portentos!)
A terra espavorida oscilla, e treme :
Os montes bambaleião
Desde os seus fundamentos ;
E, das iras trazendo todo o pêzo,
O Immortal apparece em furia acceso.
Logo ao signal da cholera espantosa
Vacillaõ pelos ares
Mil turbilhões de fumo.
Incendio todo, o rosto sempiterno
De si exhala, e sóta,
Rôxas lingoas de fogo,
E nas iradas faces
Carvões accesos lhe scintillaõ tremulos.
Acenou : de improviso os Céos se abatem,

E parece juntarem-se co' a terra.
 Já desce magestoso,
 Escorando assombroso
Nas trevas os seus pés omnipotentes.
 Rápido então firmou-se
De hum Cherubim nas plumas scintillantes.
 Assustados, ao vê-lo,
Em tôrno delle os ventos se apinháraõ,
 E, curvos, e tremendo,
 As azas estendendo,
Sobre as azas o tomaõ, lá voáraõ.
 Lá corre, e lá registra
A immensidade azul, que enfeitão globos.
 Parou: quiz occultar-se,
 Quiz, e foi tudo trevas.
Ei-lo em seu pavilhão de nevoa espessa !
 Que silencio profundo ! ..
Que estranha escuridão ! profunda noite ! .
Caliginosas nuvens o concentraõ,
 Prenhes de mil choveiros:
 Mas seu rosto inflammado
Rompe em raios de luz; que jos Ceos assom-
 Logo ao fulgor sagrado braõ:
De medrosas as nuvens se romperão,
Graniso assustador, carvões em braza,
 Sobre a terra choverão.
Ao mesmo tempo dos trovões o estalo
Já vai de globo em globo retumbando...
He a vóz do Immortal, que está soando !
 De pressa, ao escuta-lo,
Borbutões de saraiva se derramaõ,
 E retallhaõ as nuvens

Espadanas de fogo.
No meio deste horror despede settas,
Fere a turba dos impios,
Abre, e comprime os Céos, n'um só instante,
Multiplica os relampagos
Sua mão fulminante:
Os perfidos flagella, cauteriza,
Arruina, devasta, polvoriza.
Ao ver estrago tanto,
A terra, em convulsões, nua em seus eixos,
De terror, e de espanto
Mostra as rôtas entranhas :
As voragens, os seios dos Abysmos,
Se escancárao, gemendo.
Nóto as concavidades,
Em que os mares rolavao :
As origens das agoas se conhecem,
E do orbe os fundamentos me apparecem.



PSALMO XVII.

DILIGAM TE DOMINE FORTITUDO MEA.

In tribulatione mea invocavi Dominum: Et ad Deum meum clamavi.

Et exaudivit de templo sancto suo vocem meam: et clamor meus in conspectu ejus intonuit in aures ejus.

Commota est et contremuit terra: fundamenta montium conturbata sunt et commota sunt, quoniam iratus est eis.

Ascendit fumus in ira ejus, et ignis à facie ejus exarsit: carbones succensi sunt ab eo.

Inclinavit cælos et descendit: et caligo sub pedibus ejus.

Et ascendit super Cherubim, et volavit: volavit super pennas ventorum.

Et posuit tenebras latibulum suum, in circuitu ejus tabernaculum ejus: tenebrosa aqua in nubibus aeris.

Præ fulgore in conspectu ejus nubes transierunt, grando et carbones ignis. Et

*intonuit de Cælo Dominus et altissimus
dedit vocem suam: grando et carbones
ignis.*

*Et misit sagittas suas et dissipavit eos:
fulgura multiplicavit et conturbavit eos.*

*Et apparuerunt fontes aquarum: et
revelata sunt fundamenta orbis terrarum.*

ILLUSTRAÇÕES.

ILLUSTRAÇÕES AO PSALMO

MISERERE MEI DEUS.

NOTA PRIMEIRA.

E a cada instante descubro
O meu delicto presente.

Et peccatum meum contra me est semper. E tenho sempre o meu peccado diante dos meus olhos. Traducção do Padre Pereira.

Não he pois como entenderão alguns (e o mais he, que até o P. Sarmento) *o meu peccado está sempre contra mim.* Neste sentido se exprimio o Padre Manoel Simões Barruncho na sua Paraphrase ao *Miserere*, que se acha na Collecção de Obras Moraes, inserta na sua *Centuria Metrica*. He esta a copla do Barruncho.

Agora já reconheço
Que foi meu mal infinito,
Não só feito contra vós,
Contra mim também o sinto.

Francisco Dias Gomes, traduzindo livremente este Salmo em uma Elegia, que consagra a Paixão de Christo, se lhe não deo a mesma intelligencia do Padre Barruncho, parece não ter desenvolvido o pensamento com a clareza precisa. Tal he a sua versão.

Conheço onde me tem precipitado
O meu delicto máo, que enfurecido,
Sempre contra mim vejo conspirado.

Mas o Desembargador Domingos Maximiano Torres (Alfeno Cyntio) e depois d'elle o Padre Antonio de Souza Pereira Caldas, e recentemente a Excellentissima Condeça de Oyenhausen, que verterão este mavioso, e enternecido Cantico, o entenderão neste lugar, como deviaõ. Leamos Alfeno Cyntio nos seus *Ensaaios Metricos* sobre a *Paraphrase* dos Psalmos.

*Meu peccado ante mim gyra
Quer no leito, quer na meza.
Ao meu lado sempre está.*

O P. Caldas fez duas traducções. Aqui temos a primeira.

*E perante os meus olhos trago sempre
A minha iniquidade.*

Diz elle na segunda

*Sempre trago ante os meus olhos
O que fiz, peccado horrendo.*

Resta a Condeça de Oyenhausen. Eila.

O meu peccado sempre tenho a vista.

Assim Lagonegro, Bispo de Ravello, na sua lindissima Paraphrase, que vem no Itinerario Breve.

*Conosco, buon Dio,
L'iniquo misffatto,
Che ingrato me ha fatto
A tanta bontá.*

*Ahi che egli sugli occhi
Me é sempre presente.*

Tambem o Abbade Metastasio em uma traducção paraphrastica, que se acha no undecimo tomo das suas Poemas, Edição de *Torino* de 1787, posto que empregou a expressão *contra mim*, disse antes : Que por toda a parte, que lançasse as vistas *achava o seu delicto presente*.

*Ovunque il guardo giro
Vedomi i falli appresso,
Che contro de me stesso
Tentano d'inferir.*

O mesmo se acha na traducção de alguns Psalmos, que vem no tomo decimo das Obras de P. Corneille.

*Je ne me trouve en aucuns lieux
Ou d'un se noir forfait l'image ne me tue,
Et de quelque coté que je porte la vue,
Elle frappe aussitot mes yeux.*

O mesmo na exposição paraphrastica do Psalterio, e dos Canticos do Breviario por José de Valdivielso, que se acha no Hespanhol.

Que las traygo (las culpas) *de lante de mis ojos.*

Deparei com o Ritual das Orações communs, e Administração dos Sacramentos nas Igrejas reformadas, de Inglaterra, e Irlanda, Edição de Londres 1814. The Book of common prayer, and Administration of the Sacraments &c. &c. &c., e descobri duas versões do Psalterio, uma em prosa, e outra em verso, sendo feita a ultima por N. Brady, e N. Tate. Acho na traducção em prosa : *o meu peccado está sempre diante de mim.* For I acknowledge my faults : *aud my sin is ever before me.*

Lê-se nos seus versos : Eu confesso o meu crime, e vejo quanto he grande a minha culpa.

For I confess my crime *aud see*
How great my guilt has been.

Saci traduz do mesmo modo : *J'ai toujours mon peché devant les yeux.* E as Horas, que se imprimirão por ordem do Cardeal de Noaille, Arcebispo de Pariz para uzo da sua Diocese, trazem também : *Mon peché m'est toujours present.* O litteratissimo Pompeo Sarnelle, Bispo de Biseglia, explicando, no terceiro tomo das suas *Cartas Ecclesiasticas* as diversas frases, e idiotismos das linguas, Hebraica, e Grega, assim se exprimio na Carta 14 « Tratemus de outros differentes modos de fallar, como no Psalmo 50. *Peccatum meum contra me est semper.* Isto não quer dizer, o meu peccado me he contrario, porem sim está diante dos meus olhos.. » *Ma veniamo altri modi dedire. PS. 50. Peccatum meum contra me est semper. Non dice il mio peccato mi é contrario; ma vuol dire mi é semper agli occhi.*

Escutemos o Cardeal Hugo « *O meu peccado me está sempre presente* : isto he (diz elle) por sua consciencia aguilhada pelo remorso » *Peccatum meum contra me est semper, id est, in consti-*

entia remordente. Que he o mesmo, que dizer : *Pela presença do meu crime.*

Talvez bastasse João Lorino, que se explica na materia por uma grande affluencia de expressões synonymicas « *O meu delicto* (escreveo elle) *me está sempre presente* ; e esta lição (continua Lórinio) foi abraçada por Agostinho, e por Innocencio, \ Autor das *Questões d'um, e d'outro Testamento.* Paraphraste o interpretou, e lêo tambem assim : *A minha vista, isto he, gyra diante dos meus olhos, tenho-o diante de mim, elle me he presente, não o posso esquecer, eu o trago á memoria, revólvo-o no pensamento, recordo-o sem cessar, elle se me faz encontradiço, e ultimamente fixou se, e permaneceu defronte do meu rosto* « *Delictum meum coram me est semper, quam lectionem sequitur Augustinus, et Innocentius, auctor quæstionum utriusque Testamenti. Paraphraste quoque legit in conspectu meo. id est versatur in oculis, gesto illud ante me, mihi præsens est, non depono memoriam illius, recolo, recordor, recogito, objecit*

mihi. statuit illud contra faciem.

Bonon diz o mesmo, e accrescenta =
Sic enim accipitur *coram*, pro *contra* =
Dizem o mesmo Le Blanc, e innumera-
veis, não omitindo o Arcebispo de Fi-
renza (Martini) que se exprimio deste
modo: *E' mio peccato me stá sempre
davanti* Traducç. des Psal. tom. 13.

Por ultimo o Abbade Soignet na sua
moderna traducção da Biblia, cuja edic-
ção he de 1839 exprime-se deste modo
em suas notas ao Psalmo L. David (disse
elle) presenta, como um motivo, para
alcançar o perdão, que implora, a mes-
ma confissão, que faz do seu crime —
Peccatum meum contra me est semper —
Eu jámais o esqueço (amplifica o Abba-
de Soignet) sinto continuamente a con-
fusão, que me causa semelhante delicto,
e julgo, que o meio de o fazer esquecer
he recordar-me constantemente delle, e
supplicar-vos, que mo perdoeis — Si tu
ponis illud ante te, Deus illud non ponit
ante se — Disse S. Jeronimo . . *Mi mal-
dad. . . se me presenta tal, qual es horri-
bile y abominabile.* O P. SCIO.

NOTA SEGUNDA.

Para nas tuas palavras
Justificado existires,
E daquelles, que te julgaõ,
Victorioso sahires.

Ut justificeris in sermonibus tuis, et vincas cum judicaris. Quer dizer, segundo a traducção do P. Pereira : *Para que tu sejas reconhecido justo nas tuas palavras, e saias victorioso nos juizos, que se farão de ti.* E pela do Sarmento (que parece ser a mesma cousa). *Assim o confesso, Senhor, para que sejaes reconhecido justo nas vossas palavras, e fiquéis vencedor nos juizos, que contra vós se fazem.*

Não se aproxima tanto ao texto, como deveria o P. Barruncho :

Foi pois em vossa presença
O peccado commetido,
Serão bem justificados
Os vossos altos juizos.

Francisco Dias Gomes omittio esta passagem, e Domingos Maximiano he tão espraído, tão redundante, tão demaziadamente paraphrastico em quasi toda esta lucubração, que as vezes mal se lhe póde apanhar o sentido do texto. Uma imitação não seria mais livre. Elle não deixa entrever n'esta passagem, que Deus será julgado por aquelles, que desconfiando da sua justiça, ouzarem censura-lo, e chamar suas acções á discussão, e ao juizo, que houverem de fazer d'elle, sendo esta a verdadeira intelligencia : limita-se unicamente á resignação do Propheta Rei com a sentença, que Deus, como Juiz, lhe quizer exarar.

Pequei sim, pequei, mas pende
De ti só a minha sorte,
Dá-me a vida, ou dá-me a morte
Já que és Juiz, e Rei.
De ti justo, e omnipotente,
Para quem appellar posso?
Se me julgas delinquente,
Teu Decreto adorarei.

O Padre Caldas nas duas [versões, que fez d'este lugar, deixou-se ir pela mesma vereda, e na segunda não só se apoderou do pensamento do Dezembargador Torres, mas também das palavras, e até o imitou na mesma metrificação lyrica, postoque seja constantemente longa a terceira syllaba em cada um dos versos de Alfeno Cynthio, em toda a sua composição, a maneira das Cançonetas de Metastasio, e de outros Poetas Italianos, prizaõ á que se não quiz dar o P. Caldas. Disse este na primeira traducção :

..... Mas para que tua palavra
Seja justificada,
Quando em tremendo juizo os meus delictos
Se julgarem, vencendo tua justiça,
Valer-me-ha tua piedade.

Disse na segunda :

Eu pequei, de ti sómente
Pende toda a minha sorte,

F **

Dá-me a vida, ou dá-me a morte,
Podes tudo, meu Senhor.

Fiz o mal, e tu me vias ;
Com justiça convencer-me
Poderás, e sumetter-me
Do teu juizo ao rigor.

Ainda repete o mesmo em duas variantes. Lê-se em uma :

Para que sempre justo os teus discursos
Testemunhes, e venças ao lavrar-se
A funesta sentença.

Acha-se na outra variante :

Na tua presença
O mal eu fiz : mas quando o meu delicto
Houver de ser julgado,
Vencendo tua justiça, tu piedoso
Me serás.

He muito para sentir, que a Senhora
Condeça de Oyenhausen, que entre os
Traductores Poetas da Nação Portugue-

za, de que tenho noticia, que paraphraseassem os Psalmos, he no meu imperfeito modo de ajuizar, a que o fez de maneira mais poetica, mais accommodada á letra, e em versos mais doces e harmoniosos, se apartasse nesta sua tão bella traducção do trilho commum dos Interpretes. Ahi temos os versos da correctá, e sonora Alcipe :

Para justificar tuas Sentenças,
Teus sagrados oraculos, confesso,
Quantas fiz contra ti crueis offensas,
E quando me julgares,
Verão justa a vingança, que tomares.

Laganegro he aqui assás arredado da letra, o que bem se collige da passagem seguinte :

Evinci osservando
Tue belle promesse,
Amirasi in esse
Lá tua veritá.

Nada porém he tão conforme ao ser .

tido do Propheta Psalmista, segundo os Expositores, como a já mencionada versão ingleza em prosa. Assim se expri-
mio o Traductor : *Para que tu possas ser justificado em tuas palavras, e sem culpa, quando fores julgado.* Thathou inigh test be justified in thy sayng aud clear when thou art judged.

Esta exacção já não se descobre nos versos : *Ainda que eu seja condemnado* (disse o Traductor Poeta) *devo confessar a exactidão do teu juizo.*

And tho condemned
Must own thy judgments right;

Affin che tu sū justificato nelle tue parole, e riportati vittoria, quando sé chiamato in gudio. MARTINI.

He fóra de duvida, que na versão Latina, que S. Jeronymo fez do Hebraico, em lugar de *vincas cum judicaris* (como se lê na Vulgata Hodierna, correctá, e emendada por elle mesmo, e na versão antiga, recebida antes d'elle), se acha. *Et vinças cum judicaveris*: mas

que importa? Sabatier, que traz estas trez versões; cita nas notas, que faz a este versículo, S. Jeronymo mesmo, que o entendeo deste modo: *Et vincas cum fueris judicatus*: sendo digno de attenção o que já se ponderou acima: que corrigindo S. Jeronymo a Vulgata, conservasse n'ella a lição — *Ut vincas cum judicaveris* — Do parecer do Maximo Doutor he a torrente dos interpretes.

Vejamos, como delucida este ponto o Carmelita Bonon « Rogo-te pois (he « David, que assim falla com Deos, « conforme o pensamento de Bonon) « que venças, mesmo quando és julgado. Como se lhe dicesse: Os homens « não te julgaõ fiel, e verdadeiro, cum- « pre por tanto as tuas promessas, para que triunfes do máo conceito, que « elles fazem de ti, e pelo qual se animão a julgar-te. » *Et si rogo ut vincas cum judicaris, quasi dicat. Tu judicaris ab hominibus non verax, ergo imple promissa, ut opinionem hominum vincas, quae te judicant.*

Sebastião Gomes de Figueiredo disse no seu livro *Explicatio Psalmi quinquagesimi Miserere* Donde resulta (falla também David) que se tu perdoares este crime, e preencheres as tuas promessas, serás reconhecido justo, e sahirás vencedor, quando alguém ponderar as tuas obras, e pèzar tuas acções. *Unde fiet si mihi, hanc iniquitatem condonaveris, et promissa servaveris, justus habearis in promissis tuis, et vincas, cum quis facta tua expenderit.*

Depois destas interpretações, e de muitas outras, que concordão com esta, não devo passar em silencio, que o P. Paulo Seneri assim se exprime, pela versão Hespanhola,, Para que te justifiques (diz elle) em todas as tuas palavras, e venças, quando julgaes: trazendo a margem: *Et vincas cum judicaveris.* Assim se aparta o P. Seneri de tantos Expositores insignes.

Pelas razões expendidas disse eu:

Para nas tuas palavras
Justificado existires,

E d'aquelles, que te julgaõ
Victorioso sahires.

Só os impios podem julgar mal de
Deos, chama-lo a juizo, e argui-lo de
injusto.

Seja qual for a sentença, que vós pro-
ferirdes contra mim (disse, e commen-
tou o Abbade Soinnet) eu a mereço, e
naõ poderei deichar de confessar vossa
justça, nos castigos, com que me hou-
verdes de punir. *Contra vos solo pequé,
y en voestra presençia cometi la maldad:
perdonamela. Dios mio, para que seus
reconocido fiel in vuestras palabras, y
para tapar la boca a los que pertenden
acusaros de poco fiel en vuestras pro-
messas.*

O P. Scio.

NOTA TERCEIRA.

Deos, ó Deos, meu Salvador,
Tu de homicidios me exime.

*Libera me de sanguinibus, Deus, Deus
salutis meæ. Livra-me das minhas ac-*

ções sanguinolentas. Sarmiento. “ Livra-me dos sangues,, Diz Pereira, citando na nota Bossuet, que entendeu pelos sangues *os homicidios, que commettera David*, expondo de vontade deliberada muitas pessoas com Urias a uma morte inevitavel, postoque ahi mesmo transcreva o parecer do Bispo de Hiponia, que tomou pelos sangues a corrupção, que se contrabe na nossa conceição. Todavia os Expositores, que consultei, vão todos de accordo, que David falla d’aquelles homicidios a que deo origem o seu consorcio impudico havido com Bethsabea. *Liberami dal reato de sangue*. Martini. *Libera me dalla carnal malizia*. Dante.

Livrai-me (disse Soinnet) *do castigo de que me tornei credor, porque derramei injustamente o sangue de Urias*. O sangue (acrescenta Soinnet) em alguns logares da Escripura toma-se pelo castigo daquelle, que o derrama. Exord. cap. 22. v. 2 e 3. Deuter. cap. 12 v. 8. Reo suy de muchas muertes injustas, que por mi órden si cometieron : mas perdona-

me, Dios y Salvador mio, la pena que por eso merezco. O P. Scio.

De inimigos livrai-me enfurecidos,
Deos, Deos da minha bemaventurança.

Assim o escreveu o Illustre Socio da Academia Real das Sciencias em Lisboa, o Traductor dos Canticos de Moysés, de Daniel, e Zacharias. Mas elle mesmo confessa em uma das suas interessantes notas : Que fizera uma imitação, e que tomou para o seu assumpto, o que era mais analogo a contricção de um peccador da Lei da Graça : tendo dito antes : Que era esta peça, o Miserere, mais difficil de traduzir-se, e imitar-se com belleza, e dignidade, que tinha encontrado. Accrescentando depois : *Que nunca vira este Psalmo bem traduzido regularmente.* Parece, que elle tinha razão.

Alem dos Poetas, que tenho citado, e que sei, paraphrasiassem os Psalmos, devo memorar João Baptista Rousseau, postoque não vem a traducção do Mi-

serere nas suas Odes sacras : li também Saverio Mattei, mas não o tenho a mão, para o citar. José Maria Dantas, que também traduzio alguns Psalmos, não traduzio o Miserere. Eis quanto pude colher, para abonar a traducção paraphrastica, que submetto ao juizo dos entendedores.



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital – com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).